

PUBLICAÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO EM ENFERMAGEM NO BRASIL*

Clélia Soares Burlamaque**

RESUMO - Relato histórico da produção do conhecimento na enfermagem brasileira, sua publicação e difusão. Identifica uma nova abordagem nos trabalhos que vêm sendo realizados e o interesse que novos editores têm demonstrado quanto a essas produções. Por último, levanta algumas questões que poderiam interessar para o debate do assunto na América Latina.

ABSTRACT - Historic report of the knowledge production in Brazilian Nursing, its publications and diffusions. Its identifies a new approach in the works that have been carried out and the interest that our editors have been shown about these productions. At last, it mentions some questions that could be interesting for the debate of the matter in Latin America.

O presente trabalho não é propriamente o resultado de uma pesquisa, no sentido estrito que adquire esta palavra, mas o resultado da reunião, ainda que precária, de alguns dados colhidos de textos sobre produção, publicação e difusão de informações obtidas de pessoas que se defrontam com a possibilidade de tomar iniciativas que envolvem o interesse de difundir e publicar, além da discussão que tem sido levada com outras enfermeiras, membros da Comissão de Publicação e Divulgação da Associação Brasileira de Enfermagem***. A expectativa é que tais considerações sirvam de introdução ao debate e, para tanto, a pretensão deste texto não vai além do empenho de desenvolver algumas idéias sobre um modo de ver as questões de publicação e difusão na enfermagem.

Os caminhos interpretativos aqui expostos procedem de observações decorrentes da experiência vivencial como docentes e enfermeiras, e como membros participativos de entidades de classe, em particular, da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). De toda a sorte, por menos exigente em profundidade que ve-

nha a se mostrar este trabalho, ele não pode nem deve prescindir de uma revisão mais contextualizada da evolução das produções, publicações e divulgação de enfermagem no espaço maior da evolução sócio-cultural em que elas aconteceram e acontecem.

Mesmo sem querer adentrar pelo caminho da discussão sobre a questão do estatuto de cientificidade da enfermagem como área de conhecimento, não se pode desconhecer o estigma que carregam as produções dela decorrentes; sua relação com as disciplinas consideradas subsidiárias e a indagada especificidade de seu método e objeto de investigação. Entretanto, se aqui são tangenciadas considerações dessa natureza é porque alguns de seus aspectos estão muito presentes e merecem atenção, porquanto determinam, de certo modo, seus efeitos na difusão e publicações de enfermagem, embora essa discussão não venha sendo tratada com relevância entre os pontos mais críticos considerados, até então, pelos enfermeiros.

Um breve retrospecto histórico dá indícios da dimensão que representa a publicação e a difusão na área de enfermagem. Uma constatação se faz na mesma década em que se instalou a primeira escola no Sistema

* Conferência proferida no Seminário Latino-americano de Apoio à Difusão de Bibliografia de Enfermagem — 1987.

** Coordenadora da Comissão de Publicações e Divulgação da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn).

*** Enfermeiras Ana Lúcia Magela de Rezende, Lygia Paim Müller Dias e Terezinha Teixeira Vieira.

Nightingaleano no Brasil — década de 20 e é no interior dessa mesma escola que foi criada a primeira publicação oficial de enfermagem. Portanto, foi marco das publicações específicas no País uma revista denominada *Anais de Enfermagem*, lançada em 1932 e que se destinava à difusão da informação e acesso à produção do conhecimento que circulava, à época, na Escola Ana Néri, entre suas ex-alunas. Passado algum tempo, essa publicação amplia sua capacidade de abrangência e passa a denominar-se *Revista Brasileira das Enfermeiras Diplomadas*, e, ainda mais tarde, recebeu o nome com o qual se distingue até nossos dias: *Revista Brasileira de Enfermagem* (RESENDE, 1962), órgão oficial de divulgação da ABEn. Sobre suas características trataremos mais adiante, quando voltarmos a abordar a questão dos periódicos de enfermagem no País, dentre os quais a REBEn emerge por sua tradição e por ser a de maior penetração entre os profissionais da área que representa. Ainda considerando o contexto cultural em que as publicações e sua difusão surgem no Brasil, há que ser levada em conta a questão do livro didático ou do livro-texto, e das referências bibliográficas relativas a indicações como parte curricular de programas de educação continuada na Enfermagem.

Dentre os livros de apoio didático a programas de formação de enfermeiros que foram escritos por autores da enfermagem brasileira, acham-se os que tratam de procedimentos técnicos: “*Técnica de Enfermagem*”, de Zaira Cíntico de Vidal (1936) e de drogas e soluções e fundamentos de Enfermagem, este último denominado e reconhecido em todo o país como “*Manual de Técnicas de Enfermagem*” de autoria da Dra. Elvira de Felice SOUZA (1957). Estas, possivelmente, são as primeiras publicações em língua portuguesa especificamente escritas por enfermeiros e para enfermeiros como textos de referência em nossos currículos de graduação. Tais publicações foram difundidas para além do Brasil.

Após essas, outras publicações no estilo “manual de procedimentos” surgiram, quase todas absorvidas imediatamente, comprovando o interesse e a necessidade, na época, desse tipo de material, apropriado tanto em linguagem quanto em ilustrações e apresentando uma maior aproximação da realidade vivida pela enfermagem brasileira.

A produção e absorção deste tipo de bibliografia coincide com uma fase da construção do saber na enfermagem que até a década de 50 esteve voltada, sobre tudo, para o desenvolvimento de técnicas (ALMEIDA, 1984). Tal comportamento fica evidenciado no editorial da REBEn de janeiro/fevereiro de 1946 no qual se destaca... “a necessidade de um órgão de publicação não só para a divulgação de informações, mas para estimular o espírito de pesquisa no intuito de melhorar as nossas técnicas”

A preocupação em registrar os acontecimentos históricos no Brasil e de difundir os já conhecidos do ex-

terior, levou a enfermeira Valeska PAIXÃO a produzir o livro *Páginas da História da Enfermagem* até o momento, única publicação nesse estilo, o qual teve sua primeira circulação no ano de 1961.

Na década seguinte, toma-se uma outra direção em relação às produções e a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) realiza em 1956/58, sob o patrocínio da Fundação Rockefeller e com apoio técnico da OMS e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, um levantamento de recursos e necessidades da enfermagem no Brasil, cujo relatório tornou-se uma publicação importante, reconhecido marco de pesquisa ao possibilitar o conhecimento da situação da enfermagem até 1957 (CARVALHO, 1976). A década de 60 marca um outro avanço na direção da produção científica, quando é defendida a primeira tese para obtenção do título de professor catedrático (ALCÂNTARA, 1963).

Consciente da necessidade de produção baseada na pesquisa, a ABEn, no Congresso de 1964, determina como tema oficial “Enfermagem e Pesquisa”. Os debates e recomendações desse Congresso parecem ter impulsionado a enfermagem a buscar mecanismos que melhorassem a produção e esta busca passa pelas defesas de teses de Docência Livre e Doutor e se consolida com a criação, em 1971, do Centro de Pesquisas em Enfermagem (CEPEn) da ABEn, e, em 1972, do primeiro curso de Mestrado no Brasil.

As teses para obtenção do grau de mestre, até então represadas nos cursos de Pós-graduação, nas prateleiras dos próprios mestres e em alguns Colegiados, Conselhos e poucas Bibliotecas centralizadas, passam a ser divulgadas através dos catálogos elaborados pelo CEPEn e pela Associação. Hoje, tal iniciativa está em vésperas da publicação do oitavo número, com a inclusão, mais recentemente, das teses de doutorado de enfermeiros brasileiros.

Atendendo aos propósitos de sua criação, este órgão tem realizado, desde 1979, Seminários Nacionais de Pesquisa com a participação efetiva do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e seu conteúdo tem sido registrado em *Anais*, sendo esta publicação de responsabilidade da ABEn.

Nesse processo surgiram, em 1978 e em 1982, as publicações. *Avaliação e Perspectivas*, (1982) editadas pelo CNPq, onde estão propostas áreas prioritárias para o desenvolvimento de linhas de pesquisa em enfermagem.

Ainda à ABEn cabe a publicação sistemática dos *Anais dos Congressos*, a partir de 1977, onde se pode encontrar os temas oficiais ali apresentados. Assim, a Associação Brasileira de Enfermagem tem a incumbência de editar e distribuir quatro publicações de grande importância para a enfermagem brasileira (REBEn, *Anais de Congresso*, *Anais de Seminários* e *Resumos de Pesquisa*).

O aumento do número de produções nas últimas décadas levou ao surgimento de revistas que pudessem dar guarida a estes trabalhos. Entre elas, encontram-se três ligadas a escolas de enfermagem, duas a entidades de classe e uma à firma comercial. Nos últimos anos, três outras revistas suspenderam sua editoração.

Os livros-texto sobre assistência de enfermagem utilizados tanto na formação como na educação continuada, até a década de 60, estiveram muito relacionados com o modelo biomédico. A partir daí, surgem no Brasil os livros traduzidos, primeiramente por equipes de profissionais da área de saúde, com a mínima participação de enfermeiras, e, mais recentemente, têm sido apresentados livros traduzidos por grupos de enfermeiros. É comum encontrar livros traduzidos do inglês para o espanhol nas prateleiras de nossas bibliotecas, e até mesmo, não raramente, encontrar livros em inglês, principalmente na pós-graduação, embora se trate de um país onde falar outros idiomas não se constitui uma prática corrente.

No sentido de promover a publicação de livros, algumas iniciativas foram tomadas mais especificamente, nos anos 70. Com o incentivo de aumento do número de cursos de graduação no país, paralelamente houve preocupações do Grupo Setorial de Saúde DAU/MEC em formular um projeto de produção de livros didáticos nacionais e, depois de tentativas de negociação desse projeto entre o Ministério de Educação e o Instituto Nacional do Livro, concluiu-se que, em curto prazo, como requerido pelas instituições, não se encontraria pessoal disponível e com a desejável competência para cumprir as especificações e exigências administrativas do projeto. Assim, como esta, sabemos que outras iniciativas nesse sentido foram frustradas.

Discutir a produção, a publicação e a difusão do saber na enfermagem brasileira passa, necessariamente, pelas contingências da profissão.

Como vimos, de seu nascimento até o final da década de 60, revela-se uma incipiente preocupação em respaldar a prática profissional, com conceitos teóricos. Aqueles primeiros textos eram marcadamente técnicos, traduções ou adaptações de artigos estrangeiros, cuidados de enfermagem deduzidos de princípios das ciências básicas. Como o sistema Nightingaleano, esses textos também vinham carregados de uma ideologia estranha a nossa cultura. Se tais textos provocavam algum tipo de reflexão, esta era na linha do “fazer em enfermagem” sem qualquer aprofundamento sobre o contexto onde se davam as ações. No empenho pelo “status” de ciência, a enfermagem, elegia como já dissemos, o paradigma biomédico como dominante, se não exclusivo.

Ao enfermeiro “prestar cuidados” era percebido como uma prática apolítica, porque supra-política, revestida dos mitos simbólicos que tentavam coabitar impunemente com o desejo de racionalidade científica. O “fazer em enfermagem” não conseguia estabelecer

marcos na produção de um saber e se constituía num consumir, quando tanto, a produção científica extra-nacional, sem as necessárias considerações sociológicas. Como sociedade de terceiro mundo, também no campo do saber próprio de enfermagem consumimos mal e digerimos textos que pouco tinham a ver com nossa subdesenvolvida realidade de saúde.

Com o surgimento dos cursos de pós-graduação em enfermagem no sentido estrito, este quadro começa a sofrer mudanças significativas. O fazer reclama o pensar, e fazer e pensar juntos começam a gerar uma produção científica mais apropriada que se avoluma nas dissertações e teses com fins de titulação e relatos de pesquisa de docentes. Há, a partir desta época, um crescimento muito grande do número de trabalhos produzidos e isto vem se refletindo nos congressos anuais da ABEn, quando seus organizadores já sentem dificuldades para conseguir tempo e espaço físico para suas apresentações.

Estamos deixando agora a fase em que a atenção se volta para as grandes obras e só se investe em projetos entendidos como de grande repercussão, cujo objetivo, de modo geral, era cada vez obter maiores dividendos políticos. Esta nova fase diz querer abandonar essa estratégia para a valorização, com intensidade, dos projetos que interpretem o caminho da transformação da realidade, buscando a adequação dos aspectos sociais.

Como exemplos de produção e publicação que atendem a essas necessidades, vimos recentemente os trabalhos de enfermeiras premiados pelo CNPq, um deles de autoria de CAMPESTRINI (1987) sobre “Seio-cobaia”, que mereceu o prêmio em concurso de tecnologia simplificada de saúde e outro na produção de REZENDE (1988) “Cartilhas de Saúde”, o qual se reveste de grande importância e adequação para a saúde da população brasileira.

Esta década de 80 vem marcando a presença de publicações de livros e artigos cujos conteúdos têm se ocupado da problemática da enfermagem como profissão. Se, por um lado, damos um passo importante na direção da busca de soluções para a enfermagem enquanto categoria, por outro continuamos, ainda, na área do assistir, no que diz respeito ao livro-texto, valendo-nos de obras oriundas de outras culturas, que não guardam nenhuma relação com a realidade de um país subdesenvolvido em saúde.

Da produção científica de enfermagem pode-se dizer que esta já saiu da fase em que o limite era a satisfação da curiosidade do autor em fazer achados de determinada realidade teórica ou empírica. As publicações hoje, em grande parte, têm sido geradas pelo interesse de transformar a realidade estudada. Desse modo, não se revela na enfermagem o caráter de neutralidade em seus estudos, mas as recentes publicações na área querem anunciar a intervenção na realidade de que tratam.

É, principalmente, nesse sentido que o espaço entre a produção e a publicação não está garantido, não é de fluxo natural nem conta com apoio incondicional. Inclui o conflito entre o novo produzido e a inércia conservadora da realidade estudada em determinada produção. Os interesses dos publicadores entram em jogo e, no momento, mesmo com novas linhas editoriais estas nem sempre suportam as produções, adotando-as em plena autonomia intelectual.

É em aspectos como estes que, na enfermagem, nem sempre se consegue a divulgação dos trabalhos elaborados de forma a que cheguem, em tempo hábil, ao conhecimento daqueles que operam a prática; enquanto isso, a teorização contida nessas publicações tende a cair no vazio, ou no máximo satisfaz a seus autores, que conseguem comunicá-las apenas verbalmente em reuniões da própria classe, a exemplo do que se passa nos Congressos anuais.

Embora os hiatos entre a produção, a publicação e a difusão representem um retrato na comunicação da área de enfermagem, não se pode dizer que este grupo venha a perder sua independência e ande a reboque de outros interesses que não os próprios da área. Talvez seja esta postura que tenha deixado a enfermagem em dificuldades materiais para se autonomizar financeiramente quanto à editoração de suas publicações, em particular do seu periódico oficial — a Revista Brasileira de Enfermagem. Afastada de propagandas de materiais e equipamentos utilizados na área de saúde e impotente para sua auto-sustentação, a Revista, que potencialmente tem 10.000 leitores e que tem sido a fonte bibliográfica mais referida na geração de trabalhos escritos de enfermagem, desde há muito vem caminhando para a sua inviabilidade de garantir os custos gráficos. E é repensando o processo de editoração da mesma, que, a Comissão de Divulgação e Publicação da ABEn de modo geral prepara os números da REBEn para ir à fase de impressão, mas fica atrelada à impossibilidade financeira dessa execução até que obtenha recursos para tal.

O modelo de produção gráfica da REBEn nos últimos dez anos tem se caracterizado por obtenção de ajudas esporádicas de órgãos públicos, embora a Associação tenha pretendido, até então, que a Revista fosse mantida por seu próprio orçamento, decorrente preponderantemente do per capita arrecadado das Seções Estaduais. Entretanto, há uma década ou mais que esse não cobre uma quarta parte das despesas orçamentárias ordinárias da referida Associação.

A força de produção de textos de enfermagem tem pelo menos dois pólos constantes e crescentes, quais sejam, os cursos de pós-graduação e o Congresso Brasileiro de Enfermagem, este realizado anualmente. O crescimento do número de produções não tem sido acompanhado pelo espaço para publicações, pois as revistas brasileiras da área de enfermagem, por problemas de escassez de recursos financeiros, limitam-se a

uma periodicidade longa e a um reduzido número de páginas. Além disto, por este mesmo motivo, a sua editoração se faz de forma irregular, tornando-a vulnerável quanto à credibilidade do assinante.

Tal situação tem acarretado um represamento muito grande de produções e é quase irônico, senão paradoxal, o fato de uma área de conhecimento ter material para publicação e não dispor de recursos financeiros. Assim, o grande problema do conhecimento na área de enfermagem, no Brasil, atualmente, parece não estar tanto nas produções, mas nas publicações e, por consequência, na difusão. E o conhecimento não divulgado, não possibilita a aplicação, a crítica, a geração de novo conhecimento.

No momento em que estas produções conseguem espaço em revistas ou livros não está assegurada a sua difusão, pois é preciso vencer outro obstáculo, qual seja, o de se fazer chegar até o usuário.

Nossa experiência enquanto docente mostra que as bibliotecas dos cursos de enfermagem ligadas a instituições públicas são, de longe, melhor aquinhoadas no seu acervo bibliográfico específico de enfermagem que as ligadas aos cursos das particulares. Visto que é muito grande o número desses cursos em instituições particulares é enorme o contingente de estudantes e professores que não têm acesso ao conhecimento que é gerado.

Enquanto enfermeiro de campo, vimos que as instituições de saúde não estão muito preocupadas com a educação continuada de seus funcionários e, conseqüentemente, adquirir livros e periódicos não se constitui em prioridade. E será que enfermeiros e docentes, na sua grande maioria, tendo em vista as condições de trabalho a que estão submetidos no país, estão em situação de se preocupar com leituras e produção científica, interessando-se ou podendo adquirir sua própria bibliografia?

Criou-se, recentemente, por iniciativa de uma enfermeira, um Banco de Dados de Enfermagem. É um serviço particular que atende às solicitações de assuntos que um profissional deseje e seu processo é informatizado por micro-computador. É um passo para a difusão de textos.

Apesar do delineamento desse quadro pouco alvissareiro, talvez possamos dizer que há, hoje, melhores possibilidades de editoração para a área de enfermagem que ontem, embora ainda insuficientes. As decisões e a condução política decorrentes do momento que ora se vive no país têm feito coincidir os interesses de autores de enfermagem com os de alguns administradores, iniciando-se assim, de certo modo, um impulso para superar o imobilismo reprodutivista de nossa cultura, baseado em traduções ou mesmo na produção de ingênuos textos acrílicos e fortalecedores de um "status quo" que visualisam uma enfermagem contida no desenvolvimento exclusivamente técnico, sem alcance de uma dimensão social transformadora da realidade.

de. Com o surgimento de textos mais críticos, a produção de publicações de enfermagem tem recebido apoio de agências de financiamento de pesquisas, a exemplo do CNPq e FINEP e de outros órgãos destinados ao desenvolvimento das políticas de saúde e de educação, como o apoio, discreto, mas recebido dos respectivos Ministérios. Por sua vez vem surgindo o estímulo às publicações de enfermagem, agora acolhidas por editoras nacionais de caráter particular.

Também tem contribuído o incentivo que algumas Universidades têm dado, ao colocar suas próprias editoras à disposição dos docentes, como por exemplo, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a qual, somente neste ano, já imprimiu e está difundindo três publicações específicas de docentes da Escola de Enfermagem. Na verdade, todo esse movimento é ainda insuficiente, preliminar, eventual e nem sequer esboça qualquer compromisso com a sustentação de uma política vitalizadora e permanentemente interessada no processo de difusão e publicação de enfermagem.

Cabe enfim, o interesse de projetar alguns elementos de discussão que tornem mais aproximados os caminhos de um encontro firme e decidido com a área do conhecimento que a enfermagem representa e ao mesmo tempo nos faça visualizar algumas alternativas de transformação da realidade presente, no campo de publicações e difusão. Quem sabe, colocaríamos uns (des) caminhos para mobilizar as condições de crítica sobre este tema?

1. Por que não resgatar a verdade do passado histórico das publicações de enfermagem?
2. Por que não reunir a enfermagem da América Latina através de suas representações de Comunidade Científica para elaborar e, posteriormente, desenvolver os projetos de seus livros-textos para um forte programa de Educação Continuada em Enfermagem?
3. Por que não incorporar, em sistema ampliado, iniciativas como as já iniciadas no Brasil, a exemplo da difusão através de Banco de Dados de Artigos de Enfermagem?
4. Por que não conseguir apoio para se organizar um catálogo único da América Latina sobre Temas, Autores e Contatos?
5. Por que não são resgatadas algumas das iniciativas, antes frustradas, já tomadas pelos países da Améri-

ca Latina em benefício da publicação e difusão de enfermagem, a exemplo da reorganização sistemática de assuntos exclusivos de Enfermagem na BIREME?

6. Por que não se tenta incentivar a produção de textos críticos específicos sobre o assistir ou o cuidado de enfermagem, gerando explicações para a prática do cotidiano dos enfermeiros, ao mesmo tempo em que se ampliam as discussões contextuais sobre os determinantes dessa prática na América Latina?
7. Por que não se discute em toda a América Latina questões de raiz para o andamento de publicações e difusão de enfermagem tais como: a quem interessa essa difusão e essas publicações?

Convencida de que a dúvida é a mais adequada colocação, faço-a explícita a partir dessas indagações, com as quais espero provocar a nós mesmos para que possam fluir novas indagações e organizações do pensamento como convém a um fórum como este.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALCÂNTARA, G. de *A Enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos a sua expansão a sociedade brasileira*. Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1963. Tese apresentada para concurso de Cátedra.
2. ALMEIDA, M. C. P. de *A Construção do saber na enfermagem: evolução histórica*. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 3, Florianópolis, 3 a 6 de abril de 1984. ANAIS ... Florianópolis. 1984 p. 58-78.
3. CAPESTRINI, S. *O seio-cobaia para ensinar como amamentar*. Encarte de *Contact*, São Paulo, n. 53, abr. 1987.
4. CARVALHO, A. C. de *Associação Brasileira de Enfermagem — 1926/1976*. Documentário. Rio de Janeiro, Folha Carioca Editora, 1976. 514 p.
5. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. *Avaliação e Perspectivas*. Brasília. CNPq/SEPLAN. 1983. 190 p.
6. PAIXÃO, W. *Páginas da História da Enfermagem*. Rio de Janeiro. Universidade do Brasil. 1951. 102 p.
7. RESENDE, M. de A. *Histórico da Revista Brasileira de Enfermagem*. Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Enfermagem* 15 (6):496-515, dez. 1962.
8. REZENDE, A. L. M. de & NASCIMENTO, E. S. — *Cadernos de Saúde*. Cortez, 1988.
9. SOUZA, E. de F. *Manual de Técnicas de Enfermagem*. Rio de Janeiro. Escola Ana Néri. Universidade do Brasil. 1957.
10. _____. *Administração de Medicamentos e Preparo de Soluções*. Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Ana Néri. Universidade do Brasil. 1955. 86 p.